REVISTASAPIÊNCIA
sociedade, saberes e práticas educacionais | 2238-3565 |

"EFÊMERO, DOENTE E EQUIVOCADO": REPRESENTAÇÕES SOBRE O PUNK NA REVISTA *VEJA* (1977 – 1985)

EPHEMERAL, SICK AND MISTAKEN: REPRESENTATIONS ABOUT PUNK IN THE VEJA MAGAZINE (1977 - 1985)

Leonardo Brandão
Universidade Regional de Blumenau
brandaoleonardo@uol.com.br

Fernando Lucas Garcia de Souza
Universidade Federal da Grande Dourados
fernandogarcia.historia@gmail.com

RESUMO. O punk é um movimento de contestação associado à música (punk rock), ao comportamento, à política, à estética e à juventude. Ele nasceu na Inglaterra durante a desmontagem do Estado de Bem-Estar Social e logo espraiou-se pelo mundo, em especial para a América do Norte e América Latina (com destaque para Brasil e Argentina). Aqui, ele ganhou expressividade em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e outras. Neste artigo, propomos um estudo sobre as representações deste movimento na mídia impressa, centrando a análise na revista *Veja* por ela ser a de maior vendagem à época. Deste modo, o objetivo é compreender a maneira como este veículo de comunicação de massas representou a subcultura do punk para seus leitores, tomando como recorte temporal o momento de ascensão deste movimento, o qual coincide com os últimos anos do regime militar; época em que bandas punks como Inocentes e Garotos Podres tiveram músicas censuradas pela Ditadura. Trata-se de um estudo situado no campo da História Cultural e que, através da análise do discurso em *Veja*, visou problematizar as representações veiculadas nesse periódico.

Palavras-chave. Punk; Revista *Veja*; Juventude.

ABSTRACT. Punk is an oppositional movement associated with music (punk rock), behavior, politics, aesthetics and youth. He was born in England during the dismantling of the Welfare State and soon spread around the world, especially to North America and Latin America (with emphasis on Brazil and Argentina). Here, he gained expression in cities such as São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília and others. In this article, we propose a study on the representations of this movement in the print media, focusing the analysis on *Veja* magazine, as it was the one with the highest sales at the time. Thus, the objective is to understand how this mass communication vehicle represented the punk subculture for its readers, taking as a time frame the moment of rise of this movement, which coincides with the last years of the military regime; a time when punk bands like Inocentes and Garotos Podres had songs censored by the Dictatorship. This is a study situated in the field of Cultural History and which, through the analysis of the discourse in *Veja*, aimed to problematize the representations conveyed in this periodical.

Keywords. Punk; Veja Magazine; Youth.

INTRODUÇÃO

Na Enciclopédia de Guerras e Revoluções do século XX, consta que o punk, enquanto um fenômeno social, surgiu com jovens que habitavam bairros operários na Inglaterra por volta da metade da década de 1960, tendo depois se desenvolvido também nos Estados Unidos no começo da década seguinte (VIANNA, p.476). Suas ideias centrais estariam na dupla: “faça você mesmo” e “seja você mesmo”, uma reação tanto aos valores da sociedade do período quanto as formas pelas quais a música vinha sendo produzida à época. Pois, como deixa claro Alberto Costa Mattos Neto, “Apesar de a ideologia punk atuar em vários campos culturais – moda, literatura e comportamento, a ponto de criar propriamente uma subcultura – pode-se dizer que sua origem está na música, ou seja, no punk rock” (2015, p. 476).

A bibliografia existente sobre o movimento punk no Brasil ainda é bastante restrita. De um modo geral, podemos dividir os estudos já realizados no país em dois grupos. No primeiro deles, é possível incluirmos aqueles que, realizados entre as décadas de 1980 e 1990, apresentaram um viés mais jornalístico e buscaram descrever o movimento a partir dos grupos de punk rock. Neste primeiro caso encontramos os brasileiros Antonio Bivar (2001), Sivio Essinger (1999) e Helena Salem (1995). Já num segundo grupo, podemos incluir os trabalhos de caráter acadêmico, fruto de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado que analisaram o movimento punk em espaços e tempos mais restritos, indo além da cena musical. Nesse sentido, destacamos os autores Francisco José Gomes Damasceno (2004), Rafael Lopes de Souza (2002), Janice Caiafa (1985), Nécio Turra Neto (2001), Jefferson Alves de Barcellos (2008), Everton Moraes (2010), Paula Vanessa Pires de Azevedo Gonçalves (2005) e Helena Wendel Abramo (1994) como contribuições relevantes nesta temática.

No Brasil, o movimento punk teve seus primeiros sinais de vida no final da década de 1970, no contexto da ditadura militar. No entanto, foi somente a partir do ano de 1982, quando um projeto de abertura política no país já estava em andamento, que esse movimento começou a ter uma maior expressão, sobretudo na cidade de São Paulo. Segundo o historiador Antonio Carlos Brandão,

> Em 1977 o país recebia apenas algumas informações sobre esse movimento, em sua maioria pela grande imprensa e por discos importados. Eram informações que, geralmente, deixavam a impressão de mais um modismo. O número de punks era pouco representativo. No país, o movimento apenas tomou corpo em 1982, principalmente nas periferias das grandes cidades, apresentando grupos como Lixomania, Inocentes, Olho Seco, Ratos de Porão, entre outros, alheios aos grandes meios de comunicação (CARLOS BRANDÃO, 2004, p. 110).

Importante lembrarmos que, nesta época, o modelo de desenvolvimento capitalista adotado pela Ditadura Militar, após os breves anos da euforia do milagre econômico, começava a resultar numa grave crise financeira. Crise essa que levou o país, ao longo desses anos de transição para a democracia, a conviver com altas taxas de inflação, um enorme endividamento (tanto externo quanto interno) e aumento na concentração de renda. E embora não haja estudos comparativos sobre a emergência do movimento punk na Inglaterra e no Brasil, existem alguns indícios para pensarmos, como afirmou o historiador Rafael Lopes de Souza, que tanto o punk inglês quanto o brasileiro desenvolveram-se a partir de um quadro de desorganização econômica que “estimulou a união de jovens excluídos dos benefícios sociais em torno de um mesmo movimento” (2002, p. 61).

Foi neste contexto, marcado por um lado pelo início da abertura política, e por outro pelo agravamento da crise social, que os punks começaram a estruturar mais claramente uma cena musical no país, elaborando festivais e gravações em áudio. De acordo novamente com o pesquisador Antonio Carlos Brandão,

> Os punks brasileiros [...] gravaram seu primeiro disco, uma coletânea chamada Grito Suburbano, em 1982, reunindo grupos como Inocentes, Olho Seco e Cólera, pelo selo independente Punk Rock. No mesmo ano, os punks conseguiram realizar o controvertido festival O Começo do Fim do Mundo (no Sesc Pompéia, em São Paulo), chamando a atenção da polícia e dos meios de comunicação para esse movimento de jovens, em sua maioria, suburbanos (CARLOS BRANDÃO, 2004, p. 130).

Embora tenhamos notícias de muitas brigas no interior do movimento punk no início da década de 1980, sobretudo entre os punks de São Paulo e os do ABC paulista, sabe-se também que elas foram gradualmente sendo diluídas. Assim, seria um equívoco interpretarmos tal fenômeno somente pelo viés da violência juvenil, pois para além dele, o movimento é algo intrinsecamente ligado à música, sendo possível afirmar que ele foi uma forma de resistência às expressões musicais em voga no período e, em particular, uma resistência ao rock progressivo, visto como um desvirtuamento do rock tradicional. Sobre esse ponto em particular, a antropóloga Janice Caiafa escreveu que na música punk,

> O som é muito simples, e muito rápido. Basicamente percussivo, com vocal violento. Contra a complicação do rock progressivo que se fazia na época, o punk rock é o uso imediato do instrumento. Produzir intensidade e lançar um desafio - essa a contundência do punk - e fazer isso com o mínimo. O punk

> surgiu então num momento em que a extrema complexidade de elaboração e execução fazia do rock uma obra de muitos anos de trabalho (as etapas de progresso e maturação) e muito dinheiro para comprar os mais sofisticados equipamentos (CAIAFA, 1989, p. 09).

O que chamamos de punk, portanto, não existe como um movimento social independente da cena musical. Além disso, segundo O’hara (2005), a maioria das letras de punk rock aproximava-se do anarquismo ou eram escritas sob sua influência, e isso significava questionar o conformismo social, a submissão à autoridade e ao governo.

Sobre essa relação entre o punk e o anarquismo, tema ainda pouco estudado no Brasil, é importante citarmos que num artigo publicado na revista *Projeto História*, a historiadora Ivone Gallo afirma que já existem pesquisadores sugerindo a hipótese do anarco-punk ser uma matriz do pensamento social e, por isso, o movimento punk poderia ser incluído como um capítulo recente na historiografia sobre o anarquismo no país (2010, p. 290).

De fato, no Brasil, muitas bandas surgidas na década de 1980 diziam-se anarquistas. Evidentemente, nem todos os punks brasileiros tinham tal discernimento, muitos entravam para o movimento ou curtiam as bandas somente pela energia das músicas ou pelo fato de poderem pertencer a um grupo. No entanto, como afirmou O’hara, mesmo que muitos punks não fossem versados em história e teoria do anarquismo, havia entre a maioria a “crença formada em torno dos princípios anarquistas de não ter um governo oficial ou governantes” (2005, p. 74).

Nesta pesquisa, iremos observar este fenômeno (musical, social, político e cultural) através das páginas da revista *Veja*, num recorte temporal que se estende de 1977 até 1985. O período proposto abarca não apenas a primeira vez que este periódico fez menção ao punk (em sua edição de 28 de setembro de 1977), mas também reporta aos anos finais da Ditadura Militar no país. Nosso objetivo, portanto, foi o de analisar os discursos veiculados em *Veja* sobre o punk num contexto histórico marcado pelo autoritarismo político e pela ausência de democracia no país.

DOCUMENTOS E MÉTODO

Os documentos utilizados para esta pesquisa foram as edições da revista *Veja* publicadas entre os anos de 1977 a 1985, o que totalizou no número de 471 edições averiguadas[1]. Embora

[1] No ano de 1977 foram 52 edições, no ano de 1978 foram 51 edições, no ano de 1979 foram 52 edições, no ano de 1980 foram 53 edições, no ano de 1981 foram 52 edições, no ano de 1982 foram 52 edições, no ano de 1983 foram 53 edições, no ano de 1984 foram 52 edições e no ano de 1985 foram 54 edições. O somatório resulta em 471 edições ao todo. Esta primeira etapa de levantamento de material ocorreu através de uma Iniciação Científica realizada na Universidade Regional de Blumenau (FURB) com a bolsista Joyce Thays Moser do curso de Jornalismo, que contou com apoio da FURB e do Governo do Estado de Santa Catarina/UNIEDU.

a quantidade de edições observadas tenha sido expressiva, houve anos (por exemplo, os anos de 1980, 1984 e 1985) em que nenhuma menção ao punk foi localizada nas páginas de *Veja*. Assim, em contraposição ao grande número de revistas observadas, apenas foram encontradas reportagens e/ou matérias sobre o punk em 6 edições deste periódico, nos anos de 1977, 1978, 1979, 1981, 1982 e 1983. No quadro elaborado a seguir, é possível observamos com maior clareza os achados sobre punk dentro do recorte temporal delimitado.

Quadro 1

ANO	EDIÇÃO	TÍTULO	JORNALISTA
1977	- Número 473 - 28 de setembro de 1977	“A moda podre: Inglaterra e EUA exportam o sórdido punk. Da Jamaica vem o reggae”.	Tárik de Souza
1978	- Número 511 - 21 junho de 1978	“Coisas nossas: Favelas, buracos nas ruas, miséria – e agora o punk”.	Matéria não assinada
1979	- Número 590 - 26 de dezembro de 1979	“Veio e durou pouco”	Matéria não assinada
1980	Nada encontrado	Nada encontrado	Nada encontrado
1981	- Número 682 - 30 de setembro de 1981	“Rock-guerrilha: a crise inglesa cria sua própria batida”	Okky de Souza
1982	- Número 726 - 04 de agosto de 1982	“Tropa de choque: surge em São Paulo o punk brasileiro”	Matéria não assinada
1983	- Número 794 - 23 de novembro de 1983	“Os templos do rock”	Matéria não assinada

1984	Nada encontrado	Nada encontrado	Nada encontrado
1985	Nada encontrado	Nada encontrado	Nada encontrado

Fonte: Elaborado pelos autores

O acesso a todas essas antigas edições da revista *Veja* ocorreu a partir da assinatura do site do Arquivo Digital deste periódico; o qual uma vez pago, disponibilizou todas as edições na íntegra, possibilitando a nós, pesquisadores, visualizarmos todas as revistas página a página e também realizarmos o *zoom* para qualificar a leitura. Trata-se, portanto, de um importante banco de dados que permitiu um estudo detalhado desta revista.

Partimos do pressuposto de que é praticamente impossível compreender a história recente do país sem levarmos em consideração o papel dos meios de comunicação de massa, uma vez que tais meios exercem uma influência muito grande na produção da chamada opinião pública. Como assevera o pesquisador Luís Felipe Miguel:

> As revistas se propõem a apresentar uma narrativa da história do tempo presente, de maneira ainda mais ostensiva do que o jornalismo diário, justamente pelo caráter de síntese interpretativa de que se reveste seu material. Ao mesmo tempo, são, como toda mídia, agentes num campo de disputas, cujas estratégias precisam ser analisadas como tal. Por fim, transformam-se em fontes para o estudo posterior dos acontecimentos que narram, mas, sempre, fontes situadas e interessadas, aspecto que a pesquisa histórica não pode deixar de lado (MIGUEL, 2016, p. 10).

Deste modo, o trabalho do pesquisador com a imprensa pode e deve atinar-se para o papel que essa desempenha na construção discursiva sobre os fatos, levando em conta que nenhum registro é ingênuo ou descompromissado, uma vez que todos pressupõem o trabalho com a linguagem e uma tomada de posição do sujeito que o faz (RIBEIRO, 2005, p. 120). Ao partirmos deste pressuposto de que as publicações não funcionaram somente como um espelho social (CRUZ, 2007, p. 259), atinamos também para o possível papel que exerceram na articulação e divulgação de ideias e valores relacionados aos processos aqui analisados.

A REVISTA *VEJA* VÊ O PUNK

Publicada pela primeira vez pela Editora Abril no ano de 1968, a revista *Veja*, inicialmente, não tinha um viés político bem definido, sendo inclusive redigida por profissionais ditos “de esquerda”, como Mino Carta, que foi seu primeiro diretor. Aos poucos, entretanto, este periódico semanal foi ganhando público e também uma mais definida conotação político-ideológica de direita (BRANDÃO; SILVA, 2017). Já na década de 1980, *Veja* figurava entre as revistas mais lidas do país, tendo formado seu público entre as classes médias brasileiras, setores conservadores e da elite. Devido a esta visibilidade e influência no período, ela vem figurando em muitas pesquisas acadêmicas como um importante documento para o estudo do passado recente (MENGARDA; BRANDÃO, 2015).

Assim, a partir deste movimento de formação de público e maior adaptação ao mercado brasileiro, *Veja* passou a compor, junto a outros meios de comunicação de massa, um bloco de apoio e de publicidade tanto a pautas quanto a governos neoliberais. Como lembrado no livro “História da Imprensa no Brasil”, organizado pelas historiadoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, “aos poucos, *Veja* foi se tornando cada vez mais importante na vida do leitor e da nação”, sendo que ela se tornou a quarta maior “revista mensal de informação do mundo, a única fora dos Estados Unidos, atrás somente de *Time*, *Newsweek* e *US World and New Report*” (2012 p. 221).

No Brasil, a revista *Veja*, que percebeu a explosão do movimento *punk* na Europa e nos Estados Unidos, resolveu apresentá-lo a seus leitores – por intermédio de Tárik de Souza[2], seu redator musical – na edição de n.473, de 28 de setembro de 1977. O objetivo era que esses pudessem antever a chegada daquilo que, de acordo com essa publicação, seria de “certa aterragem”[3] no país.

O título da matéria não deixava dúvidas sobre a natureza do que estava prestes a chegar. Sem titubear, *Veja* intitulou o *punk* como “a moda podre”, enfatizando um uso semântico do termo presente na língua inglesa desde, pelos menos, William Shakespeare[4]. Assim, através da

[2] Tárik de Souza “iniciou sua atividade profissional em 1968 como repórter, redator e editor de música da revista Veja. Também trabalhou para outras publicações, como Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, IstoÉ, Vogue, Elle Jornal do Commércio (RJ), Show Bizz, Opinião, Pasquim, Som 3...”. Para uma lista mais completa de seus trabalhos, ver: https://dicionariompb.com.br/tarik-de-souza/dados-artisticos, acesso em 02/07/2021.
[3] Revista *Veja*, 28 de setembro de 1977, p. 69.
[4] Segundo Antonio Bivar, no final da década de 1970, “na cidadezinha de Stratford-upon-Avon, acontecia o festival anual de peças de Shakespeare, atraindo turistas e amantes do teatro do mundo inteiro. Shakespeare nascera nesta mesma cidadezinha, no século 17. A Royal Shakespeare Company estava dando a peça Medida por Medida, uma das comédias menos vistas do poeta. Uma das falas da peça é: “Casar com um punk, meu senhor, é apressar a morte”. Na Inglaterra é proibido mexer numa vírgula do que Shakespeare escreveu. E o público, altamente seleto como é o público de Shakespeare, caiu na mais espontânea das gargalhadas jamais provocadas por uma frase do

manchete “Inglaterra e EUA exportam o sórdido *punk*”, a reportagem, logo de início, previa as principais mudanças que essa cultura musical, estética e comportamental, ao ser aqui disseminada, acarretaria junto aos jovens brasileiros,

> De início, provavelmente, os moradores dos bairros mais abastados das grandes cidades brasileiras não perceberão a mudança de comportamento de seus adolescentes. A camiseta *Hang-ten* de um ou outro surfista terá rombos mais acentuados que o habitual. Os cabelos alourados de parafina podem receber outras mechas: roxo e verde-musgo, por exemplo. Por sua vez, as outrora apelidadas cocotas devem trocar seus jeans justos de três botões e cintura abaixo do quadril por outros mais folgados e surrados, repletos de furos e remendos. Se não desaparecerem – substituídos por sapatos de plástico multicor –, os veteranos tênis serão tingidos de cores insuportavelmente berrantes e descombinadas. Breve, de tão evidente, a nova epidemia não deixará dúvidas de que o estilo *punk* terá chegado ao Brasil (Revista *Veja*, n.473, 28 de setembro de 1977, p. 69.)

Mas não era somente com a moda das roupas que *Veja* antevia as mudanças. Na verdade, a preocupação maior era com as práticas mais incisivas no corpo[5] e com a violência, vista por ela como características inerentes ao *punk*. Deste modo, no decorrer de quatro tópicos enumerados pela própria revista – transcritos a seguir – com a “chegada” do movimento *punk* teríamos a existência de um cenário de brigas, sangue e mutilação corporal. Pois com o *punk*,

> 1) Amplia-se vertiginosamente a procura de clipes, grampos e principalmente alfinetes de pressão a serem incrustados na pele (orelhas, nariz e boca) de seus consumidores.
>
> 2) Hoje relegados a clientes de beira de cais, os tatuadores profissionais começam a atender uma insuspeita romaria jovem de Ipanema e rua Augusta. Forçados, abandonam seu centenário elenco de sereias e corações flechados por símbolos menos “inofensivos”, como dragões e suásticas.
>
> 3) Irrompem nos principais quarteirões de cada bairro *gangs* rivais de adolescentes, prontas a se engalfinhar pelas calçadas e acrescentar orgulhosamente às roupas esfarrapadas o vermelho-sangue do *punk*, de resto espirrado do palco nos shows de seus novos ídolos.

genial dramaturgo em todos os seus quatro séculos de sucesso. E ele mais uma vez foi considerado atualíssimo”. (BIVAR, 2001, p. 38).

[5] Além desses exemplos citados, é interessante notarmos como alguns articulistas da revista *Veja* buscavam (mesmo através do humor), desqualificar os *punks*. Numa coluna escrita por Millôr Fernandes no ano de 1978, por exemplo, o mesmo dizia que: “A nova moda entre as jovens inglesas adeptas do *PUNK* é pintar nas unhas dos dedos os retratos (miniaturas, naturalmente) dos rapazes que elas já abateram. Isso, pelos menos, tira das moças o risco da promiscuidade: poderão ter, no máximo, dez homens de cada vez. Ah, esquecia: algumas andam também com as unhas dos pés à mostra”. Fonte: Revista *Veja*, 26 de abril de 1978, p. 16.

> 4) Como na Inglaterra defrontam-se *punks* e *teddy boys* (conservadores, de topetões e nostálgicos do *rock’n roll*), aqui poderão ocorrer conflitos entre nossos *punkeiros* e os *disco-boys*, a juventude dourada que hoje abarrota as sadias e dispendiosas *discothèques* (Revista *Veja*, n. 473, 28 de setembro de 1977, p. 69.)

Toda essa crítica do jornalista apoia-se também no fato do punk não ter surgido no país, mas sim ter sido importado. Segundo ele, no Brasil volta-se a atenção ao que vem de fora e se torce o nariz para o produto nacional. Em suas palavras, argumenta ser mesmo inevitável “a disseminação futura no mercado brasileiro das vogas internacionais do punk e do reggae”, mas afirma que ambas seriam escolas musicais “bem mais indigestas que as vigentes modas soul e discoteca” (p. 70).

Imagem 1: Fotografia dos banda Sex Pistols junto a alguns fãs. Na legenda que acompanha esta imagem, reproduzida nas páginas de *Veja*, lemos: “Os Sex Pistols e seus asseclas: misto de ídolos e mártires, não acreditam em nada: o importante é chocar, provocar e sangrar”. Fonte: Revista *Veja*, 28 de setembro de 1977, p. 70.

Esta matéria termina com o jornalista Tárik de Souza enfatizando a banda inglesa Sex Pistols, tida como uma das maiores responsáveis pela explosão do punk, termo que o jornalista aponta como sendo adequado para um movimento no qual, tanto jovens ingleses quanto americanos, reúnem-se “para adorar lixo e mau gosto” (p. 70). A descrição acerca da banda escrita por Tárik é a seguinte:

> Turbulentos, niilistas, provocadores, juntos desde 1973, eles conseguiram a façanha de ser expulsos de duas gravadoras (EMI e A&M). Desentenderam-se com o apresentador de um programa de TV de Londres e despediram-se aos palavrões, o que lhes custou a condenação de quase toda a imprensa inglesa. O desespero do mercado por novidades, no entanto, fez uma terceira empresa, a Virgin Records, investir nos criadores do hino "Anarchy in U.K." (Anarquia no Reino Unido). De novo sob contrato, eles lançaram o single "God Save the Queen" (já no Brasil), discutível homenagem à rainha, imediatamente banido das rádios inglesas: "Deus salve a rainha / Não há futuro para ela" (Revista *Veja*, 28 de setembro de 1977, p. 70).

No ano seguinte a essa reportagem, a revista *Veja* noticiou o Punk apenas uma vez, e isso em sua seção destinada a música, edição de número 473, publicada em junho de 1978. Com o título "Coisas Nossas: favelas, buracos nas ruas, miséria – e agora o punk", a matéria destinou uma página para comentar uma produção audiovisual intitulada "O Punk na República dos Tupiniquins", produzido pelo jornalista Marco Antônio de Lacerda (na época, com 25 anos) e o fotógrafo Bernardo Magalhães (27 anos, apelidado como "Nem de Tal") que estava sendo exibido no Museu da Imagem e do Som, na cidade do Rio de Janeiro/RJ[6].

A proposta deste audiovisual, segundo seus idealizadores, seria a de realizar uma analogia entre o punk inglês com a realidade político-social brasileira. O mote para tanto deveu-se a um chiste pronunciado pelo compositor Chico Buarque: "Se punk é o lixo, a pobreza, a violência, não precisamos importá-lo da Europa, pois entendemos do assunto melhor do que ninguém. Somos a vanguarda do punk do mundo"[7]. Além deste audiovisual reproduzir essas palavras de Chico Buarque, ele completa essa reflexão com a seguinte conclusão:

> Punk no Brasil é contradição, *nonsense*, absurdo total. Mas é também o deboche tropical, 'la salerosidad': Importamos o punk da Europa mesmo já o tendo em nosso dia-a-dia. Nossa vida é punk, nossa música é punk, nossa poesia é punk, são punk nossas ruas, nossas cidades, o próprio sistema em que vivemos". (Afirmação atribuída aos idealizadores do documentário "O Punk na República dos Tupiniquins", In: Revista *Veja*, n. 473, junho de 1978, p. 115).

[6] Neste mesmo ano, segundo dados coletados pelo historiador Marcelo Dolabela, publicados num documento intitulado "Cronologia e discografia da MPB em Belo Horizonte", também somos informados de que, além do Rio de Janeiro, este audiovisual foi exibido na capital de Minas Gerais: "O Punk-Rock aterriza em Belo Horizonte, através do espetáculo audiovisual 'O punk na república dos tupiniquins', de Nem de Tal e Marco Antônio Lacerda, na Discoteca Jambala" (p. 395). Este documento está publicado na Internet em PDF (acesso 30/03/2021).

[7] Além da revista *Veja*, uma nota de aviso deste documentário foi encontrada no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, publicado no dia 4 de setembro de 1978, em seu caderno B, página 7. Nesta nota, é dito que o documentário estaria em exposição de quarta a domingo, às 17h:30 e às 18h:30, com ingresso no valor de Cr$ 10,00.

Nesta reportagem, *Veja* da voz aos produtores deste documentário, os quais, partindo desta ideia de que punk é um sinônimo de lixo, portanto não precisaríamos importá-lo, pois o Brasil já seria um lixo de país. Para o jornalista Marco Antônio de Lacerda, “parecia uma grande contradição que o punk tivesse chegado ao Brasil como uma moda importada”, pois que seria mais lixo, “uma calça esburacada na Europa ou as ruas de nossas cidades? E o que é mais pobre, os desempregados da Inglaterra que vivem com o auxílio do governo, ou as centenas de milhares de habitantes de nossas favelas?”, indaga.

Imagem 2: Gravura reproduzida pela revista *Veja* para a matéria “Coisas nossas”. Na imagem, que vinha acompanhada pela legenda “A filosofia do lixo no Brasil: deboche”, podemos observar uma colagem onde se lê na parte superior: “O punk nosso de cada dia”, com uma menina loira com sangue no rosto, alfinete na bochecha, segurando um buquê de rosas com uma pistola e um cacetete. Fonte: Revista *Veja*, n. 511, 21 de janeiro de 1978, p. 115.

Embora a pauta tenha sido diferente da primeira vez que *Veja* noticiou a iminente chegada do Punk no Brasil, atacando-o, entre outros motivos, por ser ele algo “importado”, aqui notamos que o mote não é diferente, afinal, “parecia uma grande contradição que o punk tivesse chegado ao Brasil como uma moda importada”, diz Lacerda. O tom da reportagem é de ataque ao punk: “Na verdade, como movimento musical, o punk não contribuiu em nada dentro da agitada história do rock”, escreve a reportagem. O mais intrigante, na opinião de Lacerda e Nem de Tal, são os evidentes sinais da penetração do punk no Brasil, segundo suas palavras: “Tudo

indica que não há lugar para semelhante disparate na cultura brasileira, a menos que voltássemos ao tempo que antecedeu o Tropicalismo” (p. 115). No final desta reportagem, encontra-se escrito:

> No Brasil, enfim, o punk serviria muito mais para dar nome a uma realidade velha conhecida ‘Se na Inglaterra o punk é o rock dos desempregados, aqui é o samba da multidão de desocupados que vaga pelas praças da República, pelos cinemas do subúrbio. Quem sabe algum dia esses jovens se reúnam e resolvam protestar contra a absurda organização que os obriga ao ócio?, profetiza Lacerda (Revista *Veja*, 21 de junho de 1978, p. 115).

Deste modo, os idealizadores deste audiovisual eram não apenas críticos ao punk por ser ele uma voga importada e sem conexões com a música brasileira, mas também porque seria coisa de uma juventude sem ter o que fazer, que vivia a deambular pelas ruas em função do ócio. A própria reportagem chama de “fantasia” o modo como tais jovens foram assistir a este filme, fantasiados com “alfinetes espalhados pelo corpo” (p. 115). Assim, seguindo à risca o tom de deboche encontrados na matéria anterior, essa soma-se aos esforços de hostilizar a chegada do punk no país.

A cereja do bolo foi colocada por *Veja* em sua edição de dezembro de 1979, numa Edição Especial destinada a realizar um balanço da década que estava chegando ao final. A matéria não era assinada, mas seu título já resumia bem o recado da revista: “Veio e durou pouco”. Aqui, ela seleciona três fatos que não teriam vingado no período: 1) jovens que tiravam a roupa e corriam nus durante partidas de futebol; 2) os grafites realizados em muros, fachadas e vagões de metrô; 3) o punk.

Segundo *Veja*, todas essas três manifestações foram perdas de tempo, pois a década de 1970 teria sido uma época sadia e bem-humorada. No caso dos grafiteiros, a reportagem chega ao ponto de intitulá-los como “jovens hunos do aerossol”, um adjetivo que tenta equipará-los aos chamados “povos bárbaros”. No caso do Punk, a revista decreta que:

> Perdeu tempo quem quis contrariar o espírito da época: virou piada ou foi moda passageira. [...] Coincidindo com a crise de desemprego na Inglaterra, outros jovens tentaram chocar também. Estridentes e sem imaginação, pintados com cores berrantes – cabelos roxo ou verde, correntes por todo o corpo -, eles não conseguiram impor o mau gosto e o mau humor a uma década que quis ser sadia. Foi o modismo ‘punk’, efêmero, doente e equivocado (Revista *Veja*, 26 de dezembro de 1979, p. 80.)

De acordo com *Veja*, o punk se resumiria a uma expressão efêmera, doente e equivocada de jovens desempregados que apenas queriam chocar através do mau gosto e do mau humor. Entretanto, para nossa surpresa, aquilo que ela apontava como efêmero não teria acabado na década de 1970 e o mau gosto deu vazão a produções artísticas que ela própria passaria a reconhecer quando, nesta mesma Inglaterra, uma outra banda surgiria como representativa do punk: The Clash.

UMA MUDANÇA DE TOM: SURGE A BANDA THE CLASH

No ano de 1980 não se verificou a ocorrência de nenhuma reportagem na revista *Veja* que abordasse, direta ou indiretamente, o fenômeno do punk. Entretanto, no ano seguinte, em sua edição de n. 682, publicada no dia 30 de setembro de 1981, o jornalista Okky de Souza reservou uma página da seção musical para falar dos punks londrinos da banda The Clash.

A matéria intitulava-se: “Rock-guerrilha: a crise inglesa cria sua própria batida”. Nesta reportagem em especial, há uma mudança de 180 graus no que *Veja* havia publicado, até então, acerca da música punk. Aqui, a crítica ácida, que beirava o desprezo, dá lugar ao reconhecimento artístico desses londrinos na cena musical.

Embora, inicialmente, Okky de Souza comente que o *Clash*, no ano de 1977, “nasceu como um dos líderes do movimento punk, que externava em confusa simbologia a revolta dos jovens proletários e seu inabalável descrédito nos rumos do país”, ele passa a rapidamente elogiar o recém lançado disco triplo da banda, chamado “*Sandinista!*”, composto de 36 faixas musicais. Com ele, o “*Clash* comprova seu senso de oportunidade e faz da política, da intolerância social e do desemprego os temas favoritos de um brilhante trabalho musical” (p. 140).

Segundo Okky de Souza, “é a música que faz de *Sandinista!* um dos melhores lançamentos dos últimos anos na área do novo rock”. Além disso, ele lembra também que o álbum foi “apelidado pela crítica inglesa de ‘o *Sgt. Peppers*’ dos anos 80, numa referência ao mais famoso e polêmico LP dos *Beatles*, o álbum do *Clash* é uma coletânea densa e bem montada de todos os gêneros que habitam o rock atual” (p. 140).

Interessante notarmos que neste período, ano de 1981, vigorava no Reino Unido a política conservadora e neoliberal de Margareth Thatcher, a qual *Veja* vinha celebrando desde que ela tomou posse como primeira-ministra britânica (PINTARELLI; BRANDÃO, 2020).

Entretanto, observando sua administração pela fresta que essa reportagem de Okky de Souza nos permite, o quadro é menos de celebração quando os atores sociais abordados são os jovens e proletários. De fato, segundo pesquisa do historiador Thiago Romão de Alencar, os dados históricos demonstram que:

> Sob Thatcher, o desemprego, que no início de seu mandato atingia 5,4% da força de trabalho (o equivalente a 1 milhão e 234 mil trabalhadores), chegou a 12% três anos depois para, dali a mais dois anos, alcançar o patamar histórico de mais de três milhões de pessoas sem emprego em 1985 (ALENCAR, 2018, p. 99.)

Assim, no contexto histórico que engloba o lançamento do disco “*Sandinista!*” do Clash, o desemprego estaria em forte ascensão no país. Nesta reportagem da revista *Veja*, era dito que o *Clash* dava vazão musical a temas como a política, a intolerância social e ao desemprego, ainda que, como ressaltava Okky de Souza, “preferem fazê-lo numa dimensão apenas poética e o único partido que tomam é o do niilismo e do desencanto que parecem guiar os caminhos dos jovens ingleses” (p. 140). Além disso, nas últimas frases que fecham esta matéria, é lembrado pelo próprio colunista que o *Clash* faria uma espécie de ponte musical com “a maioria confrontada com o desemprego e um país em delicada situação política” (p. 140).

Neste sentido, portanto, a banda *The Clash* parecia fazer sentido historicamente, pois não apenas vocalizava a desilusão do período como também entregava uma música com qualidade tal que chegava a ser comparada com os *Beatles*. Parece que, pelo menos nesta edição de *Veja* – e por ter sido escrita por Okky de Souza[8] e não por Tárik de Souza – o Punk doentio de outrora mostrou-se politizado e artisticamente refinado.

DE VOLTA A NARRATIVA INICIAL

Se em sua edição de 28 de setembro de 1977 a reportagem de *Veja* anunciava a iminente ancoragem do Punk no Brasil, agora essa realidade já existia. Alocada para a seção de “comportamento”, a edição de 04 de agosto de 1982 anunciava sob o título de “Tropa de Choque”, que “surge em São Paulo o punk brasileiro” (Revista *Veja*, 04 de agosto de 1982, p. 80).

[8] Okky de Souza trabalhou em revistas ligadas à música, como as revistas *Pop* e *Som Três*. Ele também é coautor do livro *São Paulo 450 Anos Luz: A Redescoberta de uma Cidade* com Gilberto Dimenstein. Fonte: https://www.wakabara.com/blog/tag/Okky+de+Souza, acesso em 04/07/2021.

A matéria não é assinada e preenche apenas uma página da revista. Nesta, o foco recai nas Grandes Galerias que ficam na Avenida São João em São Paulo, local onde fora inaugurada uma pequena loja de discos chamada Punk Records, localizada no primeiro andar deste centro comercial. Lá, segundo *Veja*, era “quartel-general de um grupo bizarro, o dos punks – jovens que imaginam criticar a sociedade usando roupas pretas adornadas por tachas ou correntes, cabelos cortados ou pintados de maneira esdrúxula e atitudes agressivas” (p. 80).

A matéria faz um rápido comparativo com a cena inglesa e a brasileira, afirmando que aqui (na cidade de São Paulo), apesar dos punks rejeitarem a pecha de desordeiros, eles “copiam fielmente o modelo importado. Consideram-se injustiçados e garantem que são filhos da crise do sistema capitalista” (p. 80). A reportagem enumera algumas bandas que surgiram à época, escrevendo que os punks paulistas “abominam qualquer tipo de música que não seja o punk rock, rude e ensurdecedor, reproduzido no Brasil por cerca de vinte grupos que levam nomes como Estado de Coma, AI-5 e Lixomania”, informando também que “seu drinque é o Sangue do Diabo, uma mistura de cachaça com groselha”. Acerca da classe social, *Veja* informa que se trata de “jovens dos subúrbios de São Paulo e, na vida real, trabalham geralmente em funções mal remuneradas” (p. 80).

No decorrer do texto, é fornecido voz a alguns punks. “Meus patrões não reclamam, mas preferem não me olhar”, conta Aparecido de Paula, o “Índio”, 18 anos, operador de uma máquina de reprografia e que ostentava “uma vistosa faixa verde nos cabelos”. Além disso, *Veja* ironiza quando afirma que “Morar no subúrbio e assumir a condição proletária é, para eles, ponto de honra”, trazendo também o depoimento de Mauro de Oliveira, 24 anos, líder do grupo Lixomania e operário numa oficina de chaves: “Há quem ganhe 16 000 cruzeiros e gaste 12 000 numa calça Fiorucci para desfilar pela zona sul. Nós compramos roupas usadas”, destaca o jovem punk.

No final da matéria é enfatizado o lançamento do LP “Grito Suburbano” e a adesão ao movimento do jornalista e dramaturgo Antônio Bivar[9], que afirma ter passado “um ano na Europa e, na volta, achei que os punks paulistas são a coisa mais sincera e divertida que acontece na cidade”. Por fim, *Veja* também lembra que, apesar dessas vitórias, os punks alegam que os problemas com policiais ainda são constantes, pois eles não acreditariam na “propalada índole

[9] Antônio Bivar, que faleceu recentemente (05/07/2020) após ter contraído Covid-19, foi um escritor e dramaturgo brasileiro. Ele tornou-se bastante conhecido na cena punk por ter escrito, no ano de 1982, o livro “O que é Punk?”, citado nas referências bibliográficas deste artigo. Acerca de sua morte, ver: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/05/morre-o-escritor-antonio-bivar-com-covid-19-em-sp.ghtml, acesso em 04/07/2021.

pacifista” do grupo e, rotineiramente, os colocam no camburão e mandam retirar as pulseiras tacheadas.

A última matéria encontrada em *Veja* no período delimitado nesta pesquisa e que houve menções ao punk foi em sua edição de número 794, edição publicada no dia 23 de novembro de 1983, numa matéria não assinada sobre a novidade das casas de rock na cidade de São Paulo. Sob o título “Os templos do rock”, a matéria apresentava um subtítulo bastante explicativo de seu conteúdo: “São Paulo consagra as casas noturnas de vanguarda que reúnem shows, vídeos e pistas de dança”. Portanto, o mote desta reportagem (escrita em duas páginas) era destacar as novas casas noturnas desta cidade, um desdobramento das discotecas da década anterior, mas que agora passavam a ser embaladas por shows de grupos de rock, punk rock e new wave. Segundo a revista,

> Nos novos templos dos embalos de sábado à noite, as luzes pisca-piscas foram substituídas por monitores de vídeo que exibem filmes musicais ou aventuras de James Dean. O ritmo tonitruante do som discoteque deu lugar ao rock de vanguarda. E os dançarinos, além de evoluir ao som de discos e fitas, podem também vibrar com shows ao vivo dos conjuntos musicais do momento, sem que para isso precisem instalar-se em mesas ou poltronas (Revista *Veja*, n. 794, 23 de novembro de 1983, p. 145).

Veja intitula tais locais como “casas de rock”, lembrando que a novidade surgiu primeiro em Nova York no início da década de 1980, tendo aportado em São Paulo nos últimos meses de 1983. Acerca dos frequentadores, a revista enfatiza que “as casas de rock reúnem uma variada fauna de frequentadores. Ali se acotovelam desde punks até artistas, ou desde jovens estudantes até pessoas da sociedade em busca de emoções” (p. 145).

Neste ponto, não há como deixar de notar que, para além do termo pejorativo utilizado para caracterizar seus frequentadores, pois “fauna” é um substantivo coletivo utilizado para definir um conjunto de animais que convivem em um determinado espaço geográfico; logo, *Veja* chama de “animais” as pessoas que frequentam tais casas de rock; a reportagem também separa os frequentadores em dois grupos: de um lado estariam punks, artistas e jovens estudantes; e de outro, pessoas da sociedade. Depreende-se, portanto, que punks, artistas e jovens estudantes não fariam parte da sociedade.

Duas sãos as casas noturnas que ganharam maior destaque: Rose Bom Bom e Napalm, ambas situadas na cidade de São Paulo. Ao caracterizar os frequentadores da casa Napalm, a revista *Veja* escreve:

> Numa noite de sábado, por exemplo, pode-se encontrar na pista de dança do Napalm a punk Márcia Mont Serra e o decorador e milionário Rodolfo Scarpa dançando ao som do mesmo rock. Márcia, 19 anos, exibe uma vistosa correntinha que sai da orelha direita e vai até o nariz. Ela trabalha durante o dia com relações públicas e, à noite, prefere o Napalm a qualquer outro bar: ‘Os outros clubes têm muitos burgueses’, diz (Revista *Veja*, n. 794, 23 de novembro de 1983, p. 146).

A revista apenas cita a presença do milionário Rodolfo Scarpa neste espaço, mas não chega a enfatizar se haveria outros iguais a ele a ponto de se averiguar uma mistura de classes sociais naquele momento. Por outro lado, já acerca das consequências dessas casas noturnas, a revista é mais prolixa, pois ao explicar que fazem elas uso de bandas “ao vivo”, tais locais acabaram virando palco para apresentações de uma variedade de novos grupos e artistas, que “encontram plateias sempre entusiasmadas para ouvir seus trabalhos” (p. 146).

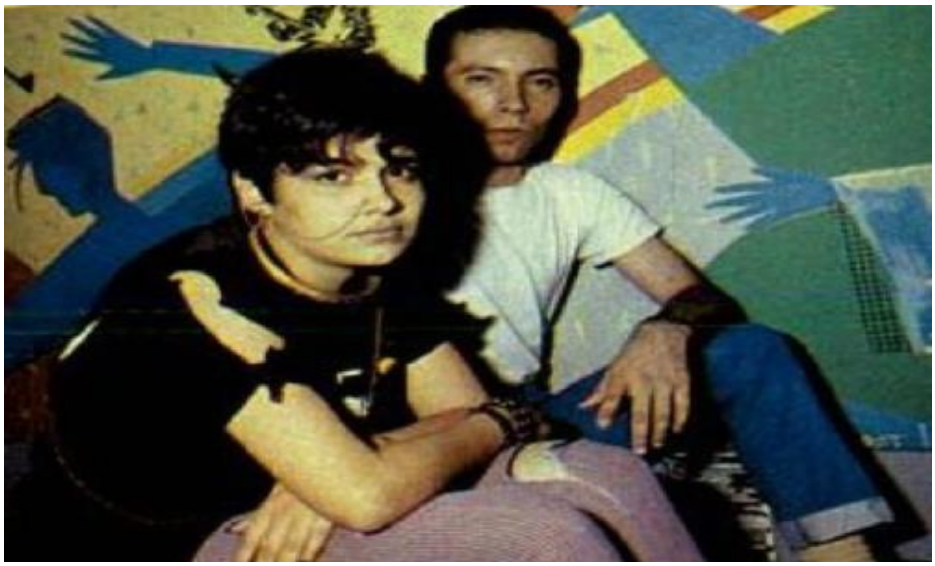

Imagem 3: Legenda original “Márcia, com Edgard: clima punk”. Nesta fotografia, a revista *Veja* exibe Márica Mont Serra, descrita na reportagem como a jovem punk que “exibe uma vistosa correntinha que sai da orelha direita e vai até o nariz”. Ao seu lado, um jovem descrito como Edgard, que acreditamos possa ser o Edgard Scandurra, que mais tarde ficaria nacionalmente conhecido por montar a banda Ira! (Fonte: Revista *Veja*, edição 794, 23 de novembro de 1983, p. 146).

Dentre esses novos grupos musicais, a revista destaca que “há nomes curiosos como Titãs do Iê Iê, as Mercenárias ou Capital Inicial, que divertem as plateias com shows onde combinam um visual descabelado a rocks balançados”, afirmando também que, após a finalização dos espetáculos, seria possível dividir com tais artistas um “bate-papo ou um drinque no balcão” (p. 146).

CONCLUSÃO

Neste período delimitado para a pesquisa (1977 a 1985) foram poucas as vezes que a revista *Veja* abordou o punk; entretanto, do ponto-de-vista qualitativo, cremos que localizamos reportagens que em muito nos revelou o modo que essa mídia representou o punk para seus leitores, geralmente cidadãos brancos da classe média/alta, de postura liberal na economia e conservadora nos costumes.

Inicialmente, a chegada do punk foi alardeada pela revista como algo sórdido. Tal fato afetaria a indumentária da juventude (muitos usariam roupas rasgadas, descombinadas) e o corpo (clipes, grampos e alfinetes nas orelhas, nariz e boca, além de tatuagens com símbolos com dragões e suásticas). Formar-se-iam gangs rivais, lutas sangrentas e shows repletos de violência.

Outro ponto criticado por *Veja* diz respeito ao fato do punk ser algo importado e não um produto nacional, apresentando um dos principais símbolos daquele período, os ingleses da banda Sex Pistols, como jovens que não acreditam em nada, que apenas o importante seria “chocar, provocar, brigar e sangrar”.

Nas matérias seguintes, após ter decretado a morte do punk no ano de 1979, descrito por ela como algo “efêmero, doente e equivocado”; a mesma percebe que o punk não morreu, e em sua edição de setembro de 1981, traz uma matéria – escrita por Okky de Souza – na qual reconhece a qualidade sonora da banda inglesa The Clash.

Entretanto, as duas últimas reportagens encontradas na revista retomam a narrativa inicial e voltam a caracterizar o punk como um “grupo bizarro”, integrado por “jovens que imaginam criticar a sociedade usando roupas pretas adornadas por taches ou correntes, cabelos cortados ou pintados de maneira esdrúxula e atitudes agressivas” (1982, p. 80), destacando também, no ano seguinte, que o movimento doente e efêmero não só vingou como também agora contava com casas noturnas, que passavam a reunir uma variada “fauna” de frequentadores.

Enfim, cremos que a ausência de um olhar antropológico nestas publicações da revista *Veja*, além da dificuldade da maioria de seus articulistas (com exceção de Okky de Souza) em reconhecer como importantes e válidas as manifestações juvenis, acabaram por imprimir ao punk um estereótipo de fácil absorção pelos seus leitores, mas que poderia ser problematizado caso a revista desse voz as bandas, músicos e letristas, esforçando-se para compreender tais manifestações para além de adjetivos negativos. Por fim, o que a revista fez, neste período

estudado (1977 a 1985) resume-se a criticar o punk de maneira tão torpe quanto a podridão que o próprio punk, segundo a revista, encarnava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis*: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

ALENCAR, Thiago Romão de. De joia da coroa a inimigos públicos número um: Hayek, Thatcher e a Legislação Antissindical no Reino Unido. In: *Revista História & Luta de Classes*. Ano 14, Edição n. 26, setembro de 2018, p. 99 – 110.

BARCELOS, Jefferson Alves de. *Música e imagem*: o movimento punk e seus desdobramentos na década de 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2008.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRANDÃO, Leonardo; SILVA, Michel Honório da. A emergência do neoliberalismo no Brasil: um estudo sobre a revista *Veja* no contexto das eleições presidenciais de 1989. In: *Estudos em Comunicação*, n. 24, 2017.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade*: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

CARLOS BRANDÃO, Antonio. *Movimentos culturais de juventude.* São Paulo: Moderna, 2004.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*. São Paulo, nº 35, 2007.

DAMASCENO, Francisco José Gomes. *Sutil diferença*: o movimento punk e o movimento hip-hop em Fortaleza: grupos mistos no universo citadino contemporâneo. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), 2004.

ESSINGER, Silvio. *Punk*: anarquia planetária e a cena brasileira. São Paulo: Editora 34, 1999.

GALLO, Ivone. Por uma historiografia do punk. In *Projeto História*, n. 41, dezembro de 2010.

GONÇALVES, Paula Vanessa Pires de Azevedo. *Ser punk*: a narrativa de uma identidade jovem centrada o estilo e sua trajetória. Dissertação (Mestrado em Educação), USP, 2005.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

MATTOS NETO, Alberto Costa. Punk Rock. In: SILVA, Francisco (Org.). *Enciclopédia de guerras e revoluções* – vol. III: 1945 – 2014: a época da Guerra Fria (1945 – 1991) e da nova ordem mundial. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015, p. 476 – 477.

MENGARDA, Alan Evaristo; BRANDÃO, Leonardo. *Fernando Collor*: o candidato esportista e as eleições de 1989. Recorde, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2015.

MIGUEL, Luís Felipe. História e política, cultura e mídia. In: LOHN, Reinaldo Lindolfo (org.). *História nas bancas de revistas*: um país impresso: entre representações sociais e culturas políticas. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016.

MORAES, Everton. *Deslocados, desnecessários*: o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba 1990 – 2000). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2010.

NETO, Nécio Turra. *Enterrado mas ainda vivo!:* Identidade punk e território em Londrina. Dissertação (Mestrado em Geografia). UNESP, 2001.

O’HARA, Craig. *A filosofia do punk*: mais do que barulho. São Paulo: Radical Livros, 2005.

PINTARELLI, Eduardo; BRANDÃO, Leonardo. Representações sobre Margaret Thatcher na revista Veja (1979 – 1983). Revista *Cesumar*, v. 25, 2020, p. 345 – 365.

SALEM, Helena. *As tribos do mal*: o neonazismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Atual, 1995.

SOUSA, Rafael Lopes de. *Punk*: cultura e protesto. São Paulo: Edições Pulsar, 2002.

VIANNA, Alexander Martins. Punk (fenômeno social). In: SILVA, Francisco (Org.). *Enciclopédia de guerras e revoluções* – vol. III: 1945 – 2014: a época da Guerra Fria (1945 – 1991) e da nova ordem mundial. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015, p. 475 – 476.

SOBRE O AUTOR

Leonardo Brandão

É Professor na FURB (Universidade Regional de Blumenau). Atua no Departamento de História e Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR). Possui Licenciatura Plena e Bacharelado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Doutorado em História - realizado com bolsa CNPq - pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pós-doutorado em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG). Pesquisa temáticas relacionadas à história urbana, ao esporte, lazer e à(s) juventude(s). É membro pesquisador do LabJuX - Laboratório de Culturas Midiáticas das Juventudes, vinculado a PUC/RJ. Como autor, destaca-se por suas produções sobre a História do Skate no Brasil, tendo livros, capítulos de livros e vários artigos acadêmicos publicados. Para o grande público, escreve para o blog "História(s) do SPORT", vinculado a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e para a revista impressa, de circulação nacional, chamada CemporcentoSKATE, existente desde 1995.

Fernando Lucas Garcia de Souza

Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (2021). Mestre em História pela mesma instituição (2018). Graduado em História - Licenciatura pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS / CPTL (2016). Possui experiências de pesquisa nas áreas de História do Brasil Contemporâneo e Império, História Cultural e História Social da Cultura. Principais temas de pesquisa: História do Corpo, História da Tatuagem e Identidades Culturais. Atualmente leciona as disciplinas de História Moderna I e II, História Contemporânea I e História do Brasil Independente na UNIGRAN e é professor concursado da Rede Municipal de Ensino em Campo Grande/MS.

Recebido em agosto de 2021
Aceito para publicação em novembro de 2021
Publicado em dezembro de 2021